

De Big Brother a Pokémon: a TV como Recurso Pedagógico¹

Rita Virginia Argollo²

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo

Neste trabalho investigamos a possibilidade de relação entre a educação e a televisão – mais especificamente com a programação das chamadas emissoras de canal aberto. Buscamos identificar a possível utilização de programas considerados “lixo cultural” como recurso pedagógico, em direção a um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. Por isso, chamamos a atenção para a importância de se saber ler – codificar e decodificar – o discurso televisivo. Mostramos a necessidade e a possibilidade teórico-prática de desvendar este discurso rumo à construção de indivíduos aptos a ampliar sua competência pictórica – a codificação e decodificação de imagens.

Palavras-chave: televisão, televisão na sala de aula, televisão e educação, imagem, codificação e decodificação da linguagem televisiva.

Apresentação

Sexta-feira, 27 de maio de 2005. Professor X acorda atordoado: enfrentará uma rotina dura de trabalho, com dez aulas durante o dia e não sabe mais o que incorporar ao seu conteúdo programático ou de que forma agir para tornar as suas aulas mais atraentes e menos enfadonhas. Ele luta para descobrir um jeito de estar mais de acordo com a atual linguagem dos seus alunos. Tanta dificuldade poderia ter uma resposta simples, se o professor estivesse mais “ligado” nos “programas” preferidos pelos jovens. Ou mesmo, na programação quase que obrigatória para todos os cidadãos. Dois dias antes, o Jornal Nacional – veiculado pela Rede Globo de Televisão – exibiu uma série de reportagens sobre o julgamento do traficante conhecido como “Elias Maluco”, acusado pela morte do jornalista Tim Lopes. O assunto dominou os noticiários e os programas informativos. Todos viram e participaram, ouviram, sentiram medo, horror, pena, indignação... conscientemente ou não. Se X conseguisse ir além do que estava sendo dito por repórteres, apresentadores e entrevistados no referido programa de TV, teria percebido o nexo existente entre

¹ Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação Educativa, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom
² Jornalista, mestre em Educação pela UFBA, atua como editora de telejornalismo da TV Santa Cruz (afiliada da Rede Globo em Itabuna/BA), Professora de Produção, Direção e Edição em TV da UESC e coordenadora do Curso de Comunicação Social (Rádio e TV) da UESC.

o que estava sendo mostrado ali e o conteúdo programático de sua disciplina. Poderia ter avançado ainda mais se percebesse a relação de tudo isto com o que interessava ao aluno, o que estava sendo discutido por todos – e que merecia ser compreendido, criticado... antes de se tornar opinião elaborada, re-elaborada em cada sujeito. Razões como estas permitem que se perceba a urgência de se estudar, e traduzir de forma clara ao educador, um meio de comunicação como a TV. Na tentativa de explorar melhor este assunto, nos questionamos se a não-utilização da programação dos canais abertos de TV no processo de ensino-aprendizagem formal decorre da deficiência na construção das competências do professor para lidar com essa linguagem (conteúdo e técnica) e por preconceito pedagógico à presença da TV de canal aberto na escola?

A intenção é auxiliar o professor a viver numa “sociedade de imagens” e estar preparado para incluir esse conhecimento no seu conteúdo programático. Aproximar o discurso televisivo do processo de ensino-aprendizagem é, no mínimo, adequar a realidade educacional à legislação vigente - Lei de Diretrizes e Bases da Educação e Parâmetros Curriculares Nacionais. A L.D.B. destaca no artigo 35 (das finalidades), seção IV (Ensino Médio), parágrafo III, a necessidade do “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo formação ética e o *desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico*” (*grifo nosso*) e no artigo 36 (diretrizes do currículo), parágrafo 1º/I, refere a importância do “domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna” e ainda, no parágrafo segundo deste mesmo artigo, o “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”. Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, no volume de Ciências Humanas, quando se fala da educação do século XXI, há ênfase no “aprender a conhecer”, na compreensão da “sociedade na sua gênese e transformação”, levando em consideração o “eu”, neste caso o aluno, como “agente social”. Ainda no volume de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a televisão é citada de forma clara, como “meio de expressão da cultura, das tradições e conhecimentos de um povo” e é dado destaque para a necessidade de desvendar sua linguagem como uma forma de “associar as tecnologias da comunicação e da informação aos conhecimentos científicos”.

Neste mesmo volume, encontra-se de forma clara a importância de se *“aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola*, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida” (*grifo nosso*). Os PCNs sugerem, inclusive, a possibilidade de se confrontarem opiniões sobre linguagens diversas, compararem as diferenças entre cada uma delas e ainda de se entender a integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos. No que diz respeito, ainda, ao ensino fundamental, destaca-se a urgência do processo educativo estar aliado à evolução. Na tentativa de promover a aproximação do educador à linguagem televisiva, este

trabalho discute sobre a relação existente entre o *Big Brother*, do escritor inglês George Orwell, e o *Pokémon*, um desenho animado japonês que mostra uma nova face para o que aprendemos a chamar de “monstro” e mostra que a TV pode ser uma aliada do professor para se chegar a um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Entre Big Brother e Pokémon: as faces do monstro na tela

Os “Pocket Monsters” (literalmente “monstros de bolso”), ou apenas “*Pokémons*”, como são conhecidos, viraram uma mania mundial entre as crianças e sua popularidade no mundo infantil não pára de crescer desde 1996, quando o jogo da Nintendo, uma grande empresa do setor de jogos eletrônicos, foi lançado no Japão exclusivamente para *Game Boy*³ – o então ultrapassado videogame de mão que os monstros livraram da aposentadoria. Alcançaram um sucesso que os próprios criadores não previam, mas torciam.

O jogo se passa num lugar habitado por *Pokémons* e humanos. Cada um dos cento e cinquenta e um monstros da série⁴ tem nome, vive em estado “selvagem” e deve ser adestrado por um treinador. *Ash*, o treinador principal, anda sempre com *Pikachu*, monstro amarelo de bochechas rosadas, capaz de emitir raios que “nocauteiam” seres iguais a ele. Entre *Pokémons* não há lutas de morte nem ferimentos – só se tira o rival de circulação. Quando se consegue tal proeza, cada um por meio de uma habilidade própria (música, jato de água, raio), diz-se que ele “evoluiu”, ou seja, ficou mais experiente e poderoso. *Ash* e seus amigos querem domar e adestrar todos os *Pokémons* que encontram pela frente. O mote da brincadeira é ser “o maior treinador⁵ de *Pokémons* do mundo”.

Estes pequenos seres – que se comunicam pronunciando apenas o próprio nome, com entonações diferentes de acordo com o significado que quer dar ao “texto” – compõem um estilo adotado pelos desenhos de animação produzidos no Japão. São os chamados *animes* ou *mangás*, que encontraram uma fórmula de sucesso entre os espectadores. Além disso, o formato obtido com a animação também é diferente, o que pode ser conferido em sucessos como *Cavaleiros do*

³ O *Game Boy* é uma miniatura do tradicional videogame. Tem este nome porque não requer nenhum monitor ou qualquer outro aparato para funcionar. O jogo *Pokémon* chegou inicialmente ao mercado com versão exclusiva para este tipo de aparelho. Nas versões posteriores, foi aperfeiçoado e lançado como CD-Rom ou como cartucho para consoles e computadores.

⁴ Número da fase inicial. Para se ter uma idéia, em 2001 a série já estava na quarta temporada no ar, com modificações e novos monstros para aquecerem a trama.

Zodíaco, Yu Yu Hakuchū, Dragon Ball Z, Samurai X, Patlabor, o próprio *Pokémon* e criações mais recentes como *Digimons* ou *Medabots*

A Guerra Fria⁶: O monstro está no monitor

A Guerra Fria entre o capitalismo e o socialismo dominou o cenário internacional do pós-guerra. É neste contexto histórico que o livro de George Orwell, *1984*, responde perfeitamente aos clamores da sua época. Numa visão catastrófica, o autor cria, no ano de 1948, momento em que escreveu a obra, um futuro onde o socialismo totalitarista domina o cenário mundial, em particular na Inglaterra. No suposto 1984, democracia seria uma palavra e um conceito que não existiriam no mundo: governos totalitários o controlariam de uma forma ampla, e ultra eficiente. Este universo aterrorizante é exposto pelo autor através dos olhos de *Winston Smith*, personagem principal da trama. Inicialmente apresentado como um ser vulgar, que tudo acata e tudo aceita, Winston descreve o ambiente histórico em que vive através de um diário. Os acontecimentos se passam décadas após uma guerra nuclear que teria alterado os rumos da História. Na ficção, Orwell mostra a televisão como o olhar controlador dos sujeitos, como o veículo a serviço do poder panóptico. O Estado teria no monitor – naquele momento, um instrumento de controle, usado para a manutenção da ordem, da subserviência. A televisão, no *1984*, seria o olho deste *Grande Irmão* a espreitar cada passo dos indivíduos, a ouvir cada sussurro.

De Big Brother a Pokémon

Se o *Grande Irmão* compõe uma possibilidade de futuro diante de uma realidade violenta vivida na década de quarenta do século XX e continuada em suas conseqüências nas décadas posteriores, os *Pokémons* povoam o imaginário infantil do mundo atual. Os monstros da Nintendo, por mais fantasiosos que sejam, baseiam-se em um conjunto de idéias reais. No desenho, vemos, por exemplo, a preocupação quanto a violência e o terror nos centros urbanos de quase todos os países tratados de uma maneira positiva. Em vez das habituais mortes e derramamentos de sangue, as histórias enaltecem valores como responsabilidade, cooperação, atitudes ecologicamente corretas e respeito pelos mais velhos. Ou seja, reflete, como o *1984*, temas em debate na sociedade,

⁵ O treinador de Pokémons é uma espécie de mestre, que tem os mostrinhos sob o seu domínio. Mas se trata de um acordo interessante: o Pokemón só fica com o mestre se este o tratar bem; quanto melhor é a relação entre o treinador e o Pokémon, mais o monstro se empenha na batalha.

⁶ A expressão “Guerra Fria” é atribuída ao comentarista político norte-americano Walter Lippmann, num artigo publicado em 1947: *A guerra fria. Um estudo da política exterior norte-americana*. Mais tarde, essa expressão passou a ser utilizada para denominar o confronto político, econômico e ideológico entre os Estados Unidos, capitalistas, e a União Soviética, comunista.

conquanto sejam visões antípodas. Os meios de comunicação, neste caso, transformam-se numa forma de lazer aliada a uma orientação sadia para a criança. Além do mais, o desenho expressa pontos da cultura de uma nação, no caso, o Japão. Isso não torna os *Pokémons* um produto educativo, mas difere e muito da visão de mundo de Orwell. Este não poderia falar de coisas fantasiosamente belas, pois sua época e as ideologias nela dominantes não o permitiriam. Temos, de um lado, a teletela – a TV como o *monstro do mal*, em 1984. O monitor como o olho do Grande Irmão que controla cada passo de *Winston* e de seus companheiros. Do outro, vemos a televisão pós-moderna, mais especificamente a TV comercial – aquela que, como o próprio nome já diz, só tem compromisso com o retorno do capital. Uma televisão recheada pelo chamado “lixo cultural” que atrai cada vez mais telespectadores ao redor do Planeta – um veículo de comunicação banido por tantos intelectuais e que parece ameaçar a vida de muitos educadores, mas que, ao mesmo tempo, apresenta num desenho infantil – diga-se de passagem admirado também por alguns adultos – a possibilidade do *mostro do bem*. É isto o que importa neste momento, combater esta dualidade bem-mal. É a televisão esse mal estabelecido na nossa sociedade ou, simplesmente, mais uma das facetas dos tempos hodiernos que deve ser melhor entendida e utilizada pelo homem? E se assim for o “mal”, não seria ele, numa análise mais contemporânea do seu conceito, um elemento catalisador das transformações sociais?

Nossa relação com esse meio de comunicação ainda não foi claramente elucidada. Desde que a televisão se estabeleceu nos Estados Unidos, chegando a gerar suspeitas de ser responsável pela queda do rendimento escolar da primeira turma formada sob sua mira, vem sendo objeto de inúmeras discussões. Há algumas décadas atrás, quando estouravam e causavam turbulência termos como *aldeia global*, *indústria cultural*, *apocalípticos* e *integrados* muito foi debatido, facções foram criadas, mas as dúvidas ainda pairam no ar. O que é realmente esse meio de comunicação? Apelidada de “babá eletrônica”, por passar mais tempo com as crianças que seus próprios pais, a TV continua, talvez agora até mais um pouco, a amedrontar alguns de nossos educadores, conquanto cogite-se e mesmo se esteja tentando transformá-la/usá-la como “professor-eletrônico”.

Enquanto se preocupam em alcançar o avanço da informática, muitos se esquecem de uma lacuna que vai ficando bem atrás – como se “queimassem” essa etapa. Querem tornar a escola em uma “empresa do espetáculo, onde o aluno sempre tem a razão”, sem sequer conhecer melhor o mundo em que esse sujeito está inserido. Busca-se alfabetizar o aluno, objetivando grandes saltos nas diversas ciências, idiomas e/ou linguagens, mas esquece-se de auxiliá-lo na compreensão da linguagem televisiva, a que está permanentemente exposto e sem os meios para decodificá-la

criticamente – o que o torna tão vítima do tal meio, quanto diversos dos seus professores. Quando se fala em educação pública, então, com suas diversas mazelas e a constante falta de verbas, perde-se uma aliada de baixo custo e presente no cotidiano dos alunos. Na maioria das vezes, a crítica mais óbvia, e mais cômoda - “a televisão ‘emburrece’” – prevalece em nome da lei do menor esforço, e talvez da estupidez ou alienação. É preciso atentar para o que diz Ferrés⁷:

Nos países industrializados, o fato de assistir à televisão ocupa o terceiro lugar na escala de atividades à qual os cidadãos adultos dedicam mais tempo, depois do trabalho e do sono, e o segundo lugar no tempo dedicado pelos estudantes. Levando-se em consideração os fins de semana e as férias, os estudantes passam maior número de horas assistindo à televisão do que em sala de aula.

Conclui-se, assim, que talvez ensinar o aluno a ler apenas livros/palavras não é suficiente, pois nem sabemos se ele vai realmente praticar extensivamente tal exercício, ou ter o hábito dele – mas certamente assistirá à televisão. Por isso, tanto o professor precisa ter maior domínio em decifrar as mensagens televisivas, quanto desenvoltura e conhecimento para efetivamente tornar seu aluno apto para esse exercício de codificar/decodificar essa linguagem, podendo enxergar de forma crítica a realidade que o cerca – o que muitas vezes está bem distante da idealizada entre as quatro paredes da sala de aula e dentro dos muros escolares.

O lixo que é absorvido acriticamente por telespectadores infantis e juvenis diariamente pode ser, sim, transformado em recurso pedagógico, um aliado do professor na sala de aula! A comunicação televisiva atua contra o tempo, de carona com a instantaneidade e com o compromisso de manter a parcialidade de opiniões. Mas é importante deixar claro, lembra Moles, que nenhuma destas doutrinas atua de forma pura. Sartori complementa:

Si esto es verdad, podemos deducir que la televisión está produciendo una permutación, una metamorfosis, que revierte en la naturaleza misma del *homo sapiens*. La televisión no es sólo instrumento de comunicación; es también, a la vez, *paidéia*, un instrumento “antropogenético”, un *medium* que genera un nuevo *ánthropos*, un nuevo tipo de ser humano.⁸

Seria assim a televisão a primeira escola da criança, segundo o autor: “Uma escola divertida, que precede a escola aborrecida”.⁹ A criança é vista aqui como um animal simbólico que recebe suas impressões em imagens de um mundo centrado em determinado eixo de visão. *Paidéia* é

⁷ FERRÉS, Joan. Televisão e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. pp. 08.

⁸ Opus cit.

⁹ *Id. Ibidem*

entendida neste caso de acordo com Sartori como o processo de formação do adolescente, fazendo alusão ao estudo clássico de Werner Jaeger¹⁰ onde o termo é entendido como toda a formação do homem. E neste sentido, a disposição à violência é apenas um detalhe do problema provocado pela TV. A dificuldade maior, diz Sartori, é que a criança é uma esponja, que registra e absorve indiscriminadamente tudo o que vê/percebe, já que não possui a capacidade de discriminação desenvolvida.

O mundo moderno bombardeia os homens diariamente com uma quantidade infinita de imagens. Um ataque que atinge tanto homens alfabetizados quanto os chamados analfabetos. Mas aprendendo ou não a ler e escrever, a semiologia¹¹ é entendida de forma intuitiva. Não se aprende ainda a ler imagens. Para Lima¹²,

É imprescindível que os intelectuais, educadores, cientistas e público especializado em geral comece a tomar conhecimento sobre as características desta linguagem, que, ao contrário da escrita, todos podem interpretar segundo seu papel pessoal.

O homem está vivendo na chamada civilização das imagens e na maioria das vezes não se dá conta disso. Consequentemente, permanece imerso em um jogo do qual poderia ser o dono da bola, mas se comporta como a própria bola, à mercê do vento ou de um chute bem medido. Joly¹³ alerta:

(...) Quanto mais vemos imagens, mais corremos o risco de ser enganados e, contudo, só estamos na alvorada de uma geração de imagens virtuais, essas “novas” imagens que nos propõem mundos ilusórios e no entanto perceptíveis, dentro dos quais poderemos nos deslocar sem por isso ter que sair de nosso quarto...

Educar com a TV: uma aproximação possível?

A relação homem-televisão é uma manifestação velada. Schwartz afirma que os indivíduos têm este poder sobre o meio, mas é impossível exercê-lo sem se ter o mínimo conhecimento de como ele funciona. Homem e veículo são completamente desconhecidos – na grande maioria dos casos –, embora acredite-se entender o seu funcionamento. Desta forma, o indivíduo é devorado por aquilo que vê projetado na tela da sua sala de estar. A imprensa de Gutemberg trouxe agilidade na

¹⁰ *Apud* SARTORI, Giovanni. Op. Cit., pp, 36.

¹¹ Segundo Joly, o estudo dos signos e sinais, sem o amparo da palavra escrita, usados em comunicação.

¹² LIMA, Ivan. A fotografia é a sua linguagem. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

transmissão de informações, mas ao mesmo tempo a palavra impressa provocou a desigualdade na distribuição do conhecimento, um vácuo entre alfabetizados e não-alfabetizados. “(...) mas contribuiu imensuravelmente quanto à variedade e quantidade de informação.”¹⁴

Porém, o mal necessário conduz o indivíduo à evolução. Ao mesmo tempo em que a informação, a notícia, prolifera com mais facilidade – mesmo inicialmente restrita a uma elite e até hoje segmentada muitas vezes por classe social – a imprensa escrita de certa forma foi sim o pontapé inicial para outros tipos de mídias. Pobre e analfabeto não tinham acesso à informação, primeiro por não poderem ir a escolas, por não terem um professor, um mestre, e por não dominarem a comunicação escrita, ou pelo mesmo fator financeiro não terem como comprar um jornal, ou ainda porque o jornal não chegava à localidade onde muitos moravam. Isso se tornou menos complicado com a invenção do rádio.

Um sistema de distribuição simples, propagando-se através de ondas que atingem os mais longínquos recantos e necessitando apenas de um aparelho de custo relativamente baixo. Se não se sabia ler, o radialista o fazia para o ouvinte, que tinha o rádio também como companheiro – deixando-o ligado como som de fundo enquanto executava as mais diversas tarefas. Com a chegada e o barateamento da televisão, isto ficou ainda melhor: além de alguém ler para o sujeito, era possível ver coisas, ora interessantes, ora estapafúrdias – mas atraentes...

A televisão está ao lado do homem onde quer que ele esteja, querendo ou não a sua companhia, sendo apocalíptico ou integrado – como diria Umberto Eco. O telespectador comum, no recanto do seu lar, no aconchego do seu sofá, entre os travesseiros da sua cama, ou ainda num momento de folga do trabalho, à espera em uma repartição pública, seja lá onde for assiste à TV. Fixa seus olhos firmemente naquela tela de algumas tantas polegadas e dvaga em pensamento, penetra na narrativa que se passa à sua frente, acreditando que não está sendo visto por ninguém, muito pelo contrário, aquele é um espetáculo em que ele é o observador. Infame conclusão... Televisão é olho contra olho, olhar contra olhar. Endoscopia vídeo-eletrônica para dentro das salas e das almas cotidianas(...)¹⁵ Se o telespectador ainda acredita que consegue passar despercebido pelo processo, esta é uma lástima da consciência. Desde o Big Brother de George Orwell, que a teletela deixou de ser percebida como um mero adereço tecnológico.

¹³JOLY, Martine. Op. Cit., pp.9.

¹⁴SCHWARTZ, Tony. Op. cit.

¹⁵Apud Décio Pignatari, O Paleolhar da Televisão, in NOVAES, Adauto [et. alli]. O Olhar, Cia das Letras, 1998.

Seja como o olho do poder estatal, como previu a ficção, seja como o olho dos profissionais do *Marketing*, a televisão exerce seu poder penetrador sobre as massas. Sob a forma de instrumento de controle, o aparelho de TV é hoje utilizado sob aspectos e formatos variados. Se o indivíduo entra num prédio, está sendo filmado. Se transita pelas rodovias, há novamente um olhar eletrônico sobre ele. Seja lá aonde for, por segurança ou por necessidade de poder, há um aparelho que o filma e outro que projeta a sua imagem, o seu comportamento.

Se pensa que está apenas a se divertir, ilude-se novamente... O telespectador está do outro lado da camada de vidro ingenuamente sentado... Assim é bombardeado por ideologias, por jogadas publicitárias varejistas, no intervalo comercial e dentro dos programas – o *merchandising* está nos lençóis da musa da novela das oito ou na cerveja apreciada pelo galã das sete. De acordo com Pignatari (1988), com doses diárias desta droga cruel, o indivíduo doméstico só poderia então se tornar um *televiciado*, um *teledependente*... Isso porque recebe no cérebro um “midiacamento insuportável e insubstituível, mistura de elixir e droga, que provoca reações variadas no paciente, da náusea ao vício e à paixão”, continua o autor. E para se manter fiel aos anseios de um observador pós-moderno, a televisão também evolui, se adequa às mudanças. Se este é o momento do caos, da descontinuidade, do sujeito fragmentado de Hall (1999), então a linguagem televisiva assume tais características. E neste jogo não vale crise *intelectualóide* do “sou contra”, “não assisto”, “a TV da minha casa é para a empregada”... Vale o que diz Pignatari (1988): “(...) Quem não assiste à TV e não pertence à sua seita é tão perigoso quanto o mais profundamente sectário. E pior ainda é o ex-viciado, o traidor, que entrega seus segredos iniciáticos.

O indivíduo é ensinado a lidar, mesmo que algumas vezes de forma precária, com a linguagem verbal. Sua estrutura biológica está preparada para compreender a imagem, mas isso é menosprezado quando se fala em educação de uma forma geral. A afirmativa vale também para a dupla imagem/som. Aliada a um texto exatamente planejado para determinando fim, o que se projeta na telinha concede uma força à televisão, que instantaneamente tem seu poder potencializado. Percebe-se assim a televisão como possível aliada valiosa do professor. Mas se dados como esses não forem levados em consideração, o ser que está sendo formado acaba sendo constantemente devorado por “simples” propagandas de batatas fritas. Segundo Pacheco¹⁶,

(...) crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas, só que essa fonte tem uma energia tremenda. É aí que devemos entrar como professores e pais

¹⁶ PACHECO, Elza Dias (org.) Televisão, Criança, Imaginário e Educação. Campinas (SP): Papyrus, 1998, pp. 48.

responsáveis: já que fornecemos critérios para roupa, comida, caráter, então por que não para uso dos meios de comunicação?

E se um dos objetivos da abordagem cognitivista do processo educativo é entender e respeitar a forma como cada pessoa reage a informações, organiza dados, lida com estímulos, sente e resolve determinado problema, buscando meios de desenvolver essas supostas potencialidades, ignorar a televisão como meio de comunicação e de aprendizagem potente e estabelecido, é ainda de certa forma ingênuo. É a partir da troca com o meio que se constrói a inteligência. Para Mizukami¹⁷, “no seu desenvolvimento, a criança irá reinventar todo o processo racional da humanidade e, na medida em que ela reinventa o mundo, desenvolve-se a sua inteligência.” Napolitano (1999) em seu estudo sobre a relação TV-escola questiona:

É muito comum que alunos e professores critiquem a TV na sala de aula, mas ao chegar em seus lares se entreguem acriticamente, fascinados aos suspiros das novelas e às falácias dos telejornais. Mas por que esta contradição acontece?¹⁸

Promover a utilização da TV como recurso pedagógico¹⁹ é fazer com que a escola tenha o material que vai ao ar como possibilidade de produção de conhecimento. Mas para isso, é preciso que se aprenda antes de qualquer coisa a assistir à TV, podendo ler as imagens e as mensagens enviadas por ela. Napolitano propõe passos específicos para o aproveitamento da TV nas aulas de História e ainda destaca que os professores da área de Humanas podem se sentir mais à vontade com este tipo de trabalho. Disciplinas como História, Geografia e Português encontram na programação de TV um material mais próximo dos seus conteúdos tradicionais. Novos temas escolares como ética, educação sexual, ecologia, entre outros, também encontrarão nos programas veiculados pela TV um vasto material. As atividades devem ser ampliadas, podendo ser adaptadas e direcionadas conforme a disciplina e o conteúdo específico em questão.²⁰ Ana Lúcia Magela de Resende²¹ diz que, no caso de crianças de famílias de melhor nível sócio-econômico,

O que ocorre é que elas (*as crianças socialmente mais favorecidas*) dominam com maior facilidade o código linguístico culto, têm percepção mais apurada, pela familiaridade com variados estímulos e experiências diversificadas. A TV é, sem sombra de dúvida, atraente, mas elas dispõem de outras oportunidades competidoras de lazer.

¹⁷ MIZUKAMI, Maria da Graça M. Ensino: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986, pp. 61

¹⁸ NAPOLITANO, Marcos. Como usar a televisão na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 12.

¹⁹ Chama-se aqui de recurso pedagógico um instrumento cientificamente escolhido, que tem como objetivo auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem, pode ser, por exemplo, um equipamento eletrônico ou um copo vazio, desde que seja útil e eficaz e esteja a serviço do processo de ensino-aprendizagem.

²⁰ NAPOLITANO, Marcos. Op. Cit., pp. 15.

²¹ *Apud* PACHECO, Elza Dias (org). Televisão, Criança, Imaginário e Educação. Campinas, SP: Papirus, 1998.

Seja qual for e de onde for este possível aluno, ele deve receber da escola os parâmetros mínimos necessários para lidar de maneira salutar com a TV. Não basta simplesmente deixar de assisti-la. Discutindo sobre a influência da televisão na educação de jovens, Adorno (1995) já demonstrava uma preocupação com as transmissões sem caráter educativo. Ele dizia que era preciso saber como ver TV! Nossa contribuição, refletindo sobre tal proposta, é convidar o professor (e o aluno) a despir-se do preconceito e enxergar a televisão como aliada de um processo. E mais ainda, promover uma espécie de reciclagem. Já que os alunos assistem a qualquer estilo de programação, indiscriminadamente, os professores podem não só educá-los como receptores, construindo um novo olhar sobre o meio, mas ainda transformar o lixo cultural dos programas de baixa qualidade em recurso pedagógico²².

A TV tem, por natureza, um caráter *transversal* e *interdisciplinar* – ela é capaz de ser instrumento útil ao educador seja qual for sua área de ação ou interesse. Pode-se trabalhar desde o conteúdo exclusivo de uma disciplina até a construção de eixos temáticos que correspondem ao cotidiano dos estudantes, como trabalho, lazer e saúde, por exemplo. Se ainda há tanto lixo sendo produzido, é porque ainda há também um grande número de telespectadores que se alimentam da “imundície”... Cabe a nós mudar isso!

Rompendo com o preconceito

A Medusa é uma ameaça mortal. Ao transformar aqueles que a olham em estátua de pedra, ela lhes rouba a vida, ela os transporta a imobilidade da morte. Perseu, diante da Medusa, estaria diante de sua finitude e isso, para ele, como para qualquer ser humano, é insuportável. Ele dispõe de objetos mágicos que, entretanto, não usa no momento de enfrentar sua morte.²³

Quando fala da televisão como babá eletrônica, Rezende evoca o poder que tinha a Medusa sobre os homens. Assim como a Górgona da Mitologia Grega – uma espécie de animal mitológico que guardava os locais proibidos –, a TV também seduz seu espectador para tomá-lo para si. Impressiona de tal forma, que é capaz de transformá-lo também em pedra. Esta é a visão que quase todo intelectual nutre sobre a televisão. Porém, é preciso que se esteja atento para o fato de que como a Medusa morre ao se deparar com sua própria imagem, a TV pode ser domada se quem a assiste, mesmo não se privando do prazer, domina a linguagem utilizada por ela. Permanecer hipnotizado por este veículo é, pois, em razão de não dominar a sua linguagem. “Matar” o mostro digital é possível sim, à medida em que se domine o seu código. E se diz aqui

matar no sentido mesmo de transformar, de criar algo novo a partir do já estabelecido. É necessário fazer tal qual Perseu com seu escudo. Se a superfície polida do aço ameaçou a Medusa, entender como funciona a TV pode quebrar o encanto que ela exerce sobre o indivíduo sem aniquilá-lo. Um prazer que a criança descobre – ou é exposta – desde os seus primeiros meses de vida, mesmo antes de ter códigos de linguagem estabelecidos.

Typically, U.S. children begin watching television at a very early age, sometimes as early as six months, and are fervent viewers by the time that they are two or three years old (Murray, p.1). The amount of time that American children spend watching TV is astounding: an average of four hours a day, 28 hours a week, 2,400 hours a year, nearly 18,000 hours by the time they graduate from high school (Chen, 1994, p.23). In comparison, they spend a mere 13,000 hours in school, from kindergarten through twelfth grade (Chen, 1994).²⁴

[Normalmente, nos Estados Unidos, as crianças começam a assistir à televisão muito cedo, algumas vezes aos seis meses de idade, e se tornam telespectadoras ativas aos dois ou três anos. O número de horas que as crianças americanas gastam vendo TV é estarrecedor: em média 4 horas por dia, 28 por semana, 2.400 horas ao ano, aproximadamente 18.000 horas até terminar o colegial. Comparando, elas gastam 13.000 horas na escola, do jardim de infância até concluir o ensino médio.]

Kalin (1997) compara: passa-se mais tempo vendo TV que em qualquer outra atividade, fora dormir. A professora afirma que aos seis anos, uma criança nos Estados Unidos está fadada a ficar mais tempo de sua vida diante de uma tela que conversando com seu pai. Sartori (1988) denomina este sujeito de *video-niño*: “um novíssimo exemplar de ser humano educado no tele-ver – diante de um televisor – bem antes de saber ler e escrever”. Sartori acredita que o *video-niño* apresentaria deficiências no seu desenvolvimento, no que diz respeito à leitura e à cultura escrita, tornando-se, aos trinta anos, um adulto que reage quase que exclusivamente aos estímulos audiovisuais. É possível acrescentar ao que diz Sartori que o indivíduo não precisa abrir mão de uma competência para desenvolver outra. A cultura audiovisual não precisa suplantar a escrita – é possível sim o convívio paralelo e muito mais rico. Neste caso, entende-se **competência** no sentido que trata Perrenoud (1999), como “a faculdade de mobilizar um conjunto de fontes cognitivas (saberes, capacidades, informações, etc.) para enfrentar com pertinência e eficácia uma série de situações”²⁵. Neste sentido, é válido falar na **competência pictórica** – o que Nilson José Machado descreve como uma capacidade de representação, uma aptidão para o desenho.

²³ REZENDE, Ana Lúcia Magela de. *Apud* PACHECO, Elza Dias. Op. Cit., pp. 74.

²⁴ KALIN, Karla. Television, Violence, and Children. University of Oregon, 1997. Site: interact.uoregon.edu/MediaLit/FA/MLArticleFolder/kalin.html

²⁵ PERRENOUD, Ph. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Mas para que isto aconteça, é imprescindível que se vença o preconceito pedagógico que se tem com relação à TV. Falamos de preconceito de acordo com Heller (1992), que o coloca como uma categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. A autora acrescenta que estar preso a preconceitos é um sinal de fracasso e que a ultrageneralização é pertinente à vida cotidiana. Achar que a televisão é instrumento do “mal”, que não condiz com o ambiente intelectual, educador e de crescimento que a escola é, muitas vezes, significa falta de informação. Pois trata-se de um veículo rico em conteúdos que podem sim ser transformados em conhecimento. É por isto que se diz que não há pretensão de identificação com uma linha de pensamento que saia na defesa ou no ataque da TV. Não importa mais, neste momento, a discussão de Umberto Eco entre visões apocalípticas e integradas. Não há porque se continuar no analfabetismo pictórico de codificar e decodificar imagens. A imagem é mais universal que a palavra. Ela permite o acesso dos menos instruídos, dos menos letrados, à informação. E a televisão é como um livro em movimento que as pessoas folheiam só para ver figuras, pois não conhecem o código. Entendem um pouco – mas não com a competência de quem sabe ler! A TV vem sendo tratada apenas como o Big Brother, precisamos enxergar nela o seu potencial de Pokémon – de mostro do bem que pode ser domado e, se bem cuidado, transforma-se em nosso aliado!

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1995.

BARZOTTO, Valdir Heitor e GHILARDI, Maria Inês (orgs.). **Mídia, Educação e Leitura**. São Paulo, Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Digel, 1989.

BRANDÃO, Zaia (org.). **A Crise dos Paradigmas e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1999, 5ª ed.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. São Paulo: Ed. DP&A, 1998.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1941)**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar a Televisão na sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

NOVAES, Adauto [et. alli]. **O Olhar**, Cia das Letras, 1998

_____. (org.). **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

ORWELL, George. 1984. São Paulo, Ed. Nacional, 1978.

PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas (SP): Papirus, 1998.

PERRENOUD, Ph. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educar um novo estilo de humanidade**. Salvador (BA), Jornal Tema Livre, Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Instituto Anísio Teixeira, set. de 2001, ano IV, nº 48, pp. 4 e 5.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Linguagem Autoritária: Televisão e Persuasão**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: La sociedad teledirigida**. Taurus, Buenos Aires, 1998.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.) **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor**. São Paulo, Brasiliense, 1995.